

Especial

Crochê, tricô, bordado e costura conquistam uma nova geração, unem tradição e inovação e mostram que, em tempos de excesso de telas, criar com as próprias mãos pode ser uma forma de desacelerar

PONTO POR PONTO



POR GIOVANNA KUNZ

Em um mundo que valoriza a velocidade, a produtividade e as notificações constantes, um movimento silencioso tem seguido na direção oposta. Agulhas, novelos, bastidores e linhas voltaram a ocupar espaço nas casas, nas rodas de conversa, nas bibliotecas, nas passarelas e até nas redes sociais. O fazer manual, antes associado principalmente às gerações mais velhas, ganhou novos significados e hoje atrai jovens, artistas, empreendedores e pessoas que buscam uma pausa em meio à rotina acelerada.

O crochê deixou de ser apenas lembrança das mantas feitas pelas avós para vestir celebridades, aparecer em coleções de grandes marcas e inspirar pequenos negócios espalhados pelo país. O bordado ganhou linguagem contemporânea e virou arte. O tricô encontrou espaço entre adolescentes. A costura voltou a ser descoberta como hobby, profissão e ferramenta de expressão. Mais do que uma tendência estética, o retorno das manualidades revela uma mudança de comportamento: todas elas exigem tempo, concentração e presença.

Foi a necessidade que levou a brasileira Tamara Souza, 25 anos, a transformar o crochê em profissão. Ao lado da irmã, Slanvy Souza, 20 anos, ela criou uma marca que hoje traduz identidade, criatividade e pertencimento

por meio das peças produzidas artesanalmente. “A marca Slanvy nasceu de um momento de necessidade. Eu já sabia fazer crochê e comecei a confeccionar alguns tops para o carnaval durante a pandemia”, conta. A relação com as agulhas começou muito antes: “Eu aprendi a crocheter com 6 anos de idade com a minha mãe, mas também fiz cursos durante a infância em institutos da Estrutural”, diz.

Para Tamara, o crochê nunca ficou preso ao passado. “É uma matéria-prima que se adapta. Materiais, pontos, formatos e cores podem se adaptar e se transformar em peças clássicas, bem como se encaixar na moda atual”, afirma. “As técnicas vão se aprimorando ao longo dos anos conforme a necessidade surge. Uma mesma crocheteira pode vestir desde princesas até jovens periféricos”, destaca.

As peças carregam referências das próprias criadoras. “A identidade surge do local onde vivemos, das nossas vivências na periferia. Nossos amigos e clientes nos ajudam a ter uma ideia do que somos de fato”, reforça. Ela vê tradição e inovação como aliadas: “Usando os pontos tradicionais, eu crio peças autorais que inovam o cenário do crochê”, diz.

Segundo Tamara, o valor está justamente no que a indústria não alcança. “As indústrias ainda não foram capazes de criar uma máquina que faça o crochê. E não foi por falta de tentativa. Mas o crochê é um trabalho imprevisível, em que você precisa achar novas soluções a cada momento.

O desejo pelo artesanal surge da falta que o industrial causa quanto à durabilidade e à versatilidade”, analisa.

Bordar o tempo, costurar memórias

É o caso da artesã Roberta Ferreira Barros, que encontrou no bordado muito mais do que uma atividade manual: uma forma de expressão, um refúgio criativo e, mais recentemente, uma profissão. “Eu comecei a me interessar pelo bordado livre em 2013, quando vi nas redes sociais um grupo de jovens se encontrando para bordar juntas! Era um bordado bem contemporâneo, em um formato diferente do que a gente costumava ver (pano de prato, toalhas e almofadas) porque os bordados viravam quadros decorativos no próprio bastidor”, conta.

Só anos depois concluiu o primeiro trabalho: “Em 2020, uns dias antes da pandemia se tornar uma realidade para nós no Brasil, eu comprei o material, fiz um desenho no tecido e, pela primeira vez, fiz um bordado do começo ao fim, e nunca mais parei”, relata.

“Durante a pandemia e no período do doutorado foi o meu hobby, meu descanso, uma válvula de escape criativa para o estresse, mas foi só em 2024 que eu vi a possibilidade de transformar o bordado em fonte de renda”, relata. “Aceitei algumas encomendas, mas sem saber nada sobre negócios, sobre precificação, atendimento, embalagem... eu só sabia bordar mesmo”, diz.